

Privilegio que poucas crianças das camadas populares têm no País: o acesso à prática de exercícios físicos.



Fotos de Clóvis Crenchi Sobr./AE



Um outro privilégio raro nas escolas do Brasil: o acesso a computadores e à moderna ciência da informática.

Alunos querem ser astronautas, mecânicos de oficina, secretárias bilíngües e até artistas.

Quem chega ao colégio da Cofap ou da Termomecânica fica impressionado com o que vê. Salas e laboratórios muito bem equipados, crianças que esbanjam saúde, professores aparentemente satisfeitos. "Eu quero ser astronauta", grita alegre o menino Wellington Lira Araújo, oito anos, da 2ª série na Termomecânica. "E eu vou abrir uma oficina mecânica", retrucou seu coleguinha de classe Rafael Mozoni dos Santos.

Preparo aos dois provavelmente não faltará. No currículo, desde as primeiras aulas, eles têm disciplinas como Oficina (mecânica e eletricidade), Ciências, Matemática e Educação Artística. Ver um menino mexendo num motor de carro ou fazendo uma ligação paralela numa instalação elétrica não seria surpreendente, se ele

não tivesse apenas seis anos.

"São como esponjas", reagiu a diretora do Colégio Barão de Mauá, da Cofap, Maria Aparecida Zaccarelli. Os alunos começam a aprender inglês com dois anos e aos 10 já esnobam, como o pequeno André Siqueira Konopkinas, de 10 anos, que está na 4ª série e quer ser artista. Empenhada em conhecer bem o idioma, sua colega Paula Roberta Silva Melo quer ser secretária bilíngüe na Cofap.

A Cofap gasta, através de sua associação, US\$ 40 mil por mês na escola, que vai desde o pré até o 2º grau completo, com cursos profissionalizantes. Para que o aluno valorize as aulas, o curso é pago, mesmo que a empresa tenha de dar bolsas de estudo para a maioria dos estudantes, explicou Abraham Kasinski, com a expe-

riência de quem dirigiu por 10 anos — de 1960 a 1970 — o Colégio Renascença, em São Paulo. O número de vagas cresceu de 1.370 para quatro mil em quatro anos e aumentará mais ainda com a ampliação já prevista.

No Colégio Termomecânica tudo é grátis, mas as exigências são severas. Todos os alunos têm de tirar nota 10 e para isto as avaliações de métodos e estudantes são diárias e as recuperações imediatas, assegura o supervisor do Projeto-Escola, José Carlos Lelli.

A empresa não revela custos mas também não poupa esforços. Após somente um ano de funcionamento, a escola será transferida para novas instalações, a partir de 1991. O imóvel já foi comprado e o número de salas de aula será ampliado de quatro para 10. Além

disto, será introduzido o curso pré-primário, com 80 vagas, possivelmente para a faixa de 5,5 a 6,5 anos. Há planos também para introduzir o 2º grau, que deverá ser profissionalizante.

Na Volkswagen, o investimento na escola ligada ao Senai é de US\$ 1 milhão por ano e na de 1º e 2º graus, US\$ 600 mil. "Nós queremos elevar o nível educacional, prepará-los para a indústria automobilística e reduzir o número de analfabetos", disse o gerente de staff de Treinamento da Autolatina, Francisco Bueno. No caso do 1º e 2º graus, nível supletivo, a programação das aulas é feita de modo que os trabalhadores de turnos possam acompanhar as aulas normalmente à noite ou de dia. Na Pollone, a despesa mensal é de Cr\$ 1 milhão.